

ESCOLA DE
HUMANIDADES

EDUCAÇÃO

Educação, Porto Alegre, v. 47, n. 1, p. 1-13, jan-dez. 2024
e-ISSN: 1981-2582 ISSN-L: 0101-465X <http://dx.doi.org/10.15448/1981-2582.2024.1.46316>

DOSSIÊ ENSINAR E APRENDER EM TEMPOS DE GLOBALIZAÇÃO: DO LOCAL AO INTERNACIONAL

Processo de internacionalização na Educação Básica: rumos e perspectivas*Internationalization process in Basic Education: directions and perspectives**Proceso de internacionalización en la Educación Básica: direcciones y perspectivas***Silvia Cristina de****Oliveira Quadros¹**orcid.org/0000-0001-8954-9603silvia.sicrist@gmail.com**Recebido em:** 29 mai. 2024..**Aprovado em:** 24 set. 2024.**Publicado em:** 10 out. 2024.

Resumo: Considerando a importância e a valorização da cultura da diversidade e a educação para a cidadania global, desde o início do processo de educação formal, na Educação Básica, o presente estudo tem como objetivos: apresentar uma reflexão sobre o Estado da Arte do processo de internacionalização na Educação Básica, seus rumos e perspectivas, e verificar quais processos e procedimentos têm sido aplicados na Educação Básica a fim de preparar o estudante desse nível para um mundo globalizado. Para tanto, optou-se por um estudo bibliográfico e pela busca de dados e de documentos disponíveis na mídia da Rede de Educação Adventista de Educação, visto estar ela presente em 165 países, ser, portanto, de natureza internacional e manter uma unidade de rede nacional e internacional. Como resultados, verificou-se que a internacionalização na Rede de Educação Adventista extrapola a sala de aula para integrar projetos e eventos que utilizem a segunda língua, objetos de aprendizagem, a internacionalização que se denomina de "em casa" e a Aprendizagem Colaborativa Internacional *Online* (COIL), as quais são importantes mecanismos utilizados pela rede, as quais são exploradas neste estudo e, também, propostas pelo Ministério da Educação. Concluiu-se que a aplicação dessas duas abordagens depende do envolvimento da gestão escolar e dos docentes nesse processo de internacionalização.

Palavras-chave: educação básica; Rede Adventista de Educação; internacionalização.

Abstract: Considering the importance and appreciation of the culture of diversity and education for global citizenship, from the beginning of the formal education process, in Basic Education, the present study aims: to present a reflection on the State of the Art of the internationalization process in Basic Education, its directions and perspectives and verify which processes and procedures have been applied in Basic Education in order to prepare students at this level for a globalized world. To this end, we opted for a bibliographical study and the search for data and documents available in the media of the Adventist Education Network, as it is present in 165 countries and is, therefore, international in nature and maintains a national network unit and international. As a result, it was found that internationalization in the Adventist Education Network goes beyond the classroom to integrate projects and events that use the second language, the object of learning. And the internationalization that is called "at home" and Collaborative International Online Learning (COIL), which are important mechanisms used by the network, which we explored in this study and, also proposed by the Ministry of Education. It was concluded that the application of these two approaches depends on the involvement of school management and teachers in this internationalization process.

Keywords: basic education; Adventist Education Network; internationalization.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP-EC), Engenheiro Coelho, SP, Brasil.

Introdução

O processo de internacionalização é comum no nível da Educação Superior, principalmente, na pós-graduação, com a oportunidade de bolsa para a realização de doutorado sanduíche. No nível de graduação, incentiva-se os estudantes, por meio de programas de mobilidade acadêmica, a despertarem-se para um mundo globalizado.

Na Educação Básica, a preocupação com a internacionalização é bastante recente. Em 2022, o Ministério da Educação lançou os Parâmetros Nacionais para a Internacionalização na Educação Básica no Brasil e, também, um aplicativo chamado de "Escolas pelo Mundo", em que consta um roteiro das formas de se realizar a internacionalização (Brasil, 2022).

A ideia da internacionalização na Educação Básica está presente no Ensino Fundamental, conforme a visão explicitada na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018) a respeito do ensino da língua inglesa como uma "língua franca", o que significa a legitimação do uso da língua inglesa em espaços além dos países que a utilizam como primeira língua, sendo seu uso incorporado aos demais locais do mundo, em uma visão de inter e transculturalidade, constituindo um sujeito que se enxerga em uma sociedade globalizada, com possibilidade de compreender o espaço local em que vive, onde o uso de palavras, expressões em língua inglesa, está presente; como também compreender sua extensão no mundo.

A BNCC apresenta como eixos de ensino-aprendizagem da língua inglesa: a oralidade, a leitura, a escrita, os conhecimentos linguísticos e a dimensão intercultural. Esses eixos se interconectam nos processos de uso da língua que, conforme explicitado no documento

a língua em uso, sempre híbrida, polifônica e multimodal que leva ao estudo de suas características específicas, não devendo ser nenhum dos eixos, sobretudo o de Conhecimentos linguísticos, tratado como pré-requisito para esse uso (Brasil, 2018, p. 245).

A partir dessa premissa, questiona-se em relação ao ensino-aprendizagem da língua inglesa

que, como sabemos pela experiência, fixa-se, principalmente, no eixo de conhecimentos linguísticos. Mesmo que se estude, por anos a fio, a gramática, o aluno termina o Ensino Fundamental sem as competências e habilidades requeridas para esse nível e, a cada ano, se repete o conteúdo e o estudante não consegue desenvolver sua comunicação em Língua Inglesa de modo eficiente.

Nessa direção, questiona-se: como o processo de internacionalização na Educação Básica pode alcançar o proposto pela BNCC, desenvolvendo os eixos por ela descritos e, assim, oportunizar ao estudante o uso eficiente da língua denominada "franca" e ser um cidadão globalizado, com as características propostas pelo viés formativo?

Conforme a BNCC (Brasil, 2018, p. 241), é preciso

possibilitar a todos o acesso aos saberes linguísticos necessários para engajamento e participação, contribuindo para o agenciamento crítico dos estudantes e para o exercício da cidadania ativa, além de ampliar as possibilidades de interação e mobilidade, abrindo novos percursos de construção de conhecimentos e de continuidade nos estudos.

A partir desse questionamento e da proposta evidenciada na BNCC, este estudo visa apresentar o Estado da Arte do processo de internacionalização na Educação Básica, por meio da revisão bibliográfica e de pesquisa exploratória em *sites* de escolas da Rede Adventista de Educação que está presente em mais de 165 países.

Ao pesquisar as ações de internacionalização dessa rede de educação confessional, pretende-se identificar como ocorre o processo de internacionalização a fim de contribuir com as demais escolas de Educação Básica no sentido de alcançar o proposto pela BNCC.

Internacionalização na Educação Básica

A efetividade da internacionalização na Educação Básica vai depender do preparo do professor quanto à visão globalizada e à experiência vivenciada em sua formação inicial, em nível de graduação. Se ele teve oportunidade de vivenciar práticas de internacionalização, participar

de intercâmbio, de mobilidade, de práticas interculturais inseridas no currículo, envolvendo conhecimentos sócio-históricos e culturais, é possível que esteja preparado para inserir o processo de internacionalização em sua sala de aula e contribuir com esse processo na escola.

Considerando a Resolução CNE/CP nº 1, de 27 de outubro de 2020, que trata da formação continuada de professores da Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Continuada de Professores da Básica, verifica-se, no artigo 3º, que as competências exigidas para o professor se referem a um sólido conhecimento da produção cultural local e global. Quanto às competências específicas e habilidades da dimensão do conhecimento profissional, o professor precisa: "Reconhecer a(s) normativa(s) curricular(es) vigente(s) e as sua(s) relações com referências filosóficas, estéticas, sociológicas e antropológicas, nacionais e internacionais" (Resolução CNE/CP nº 1, 2020, p. 10).

Nessa direção, identifica-se que a orientação e exigência governamental é que o docente esteja preparado quanto ao conhecimento e à prática de atuação na Educação Básica, voltada para uma visão ampla e caracterizada pela interculturalidade.

Nos Parâmetros Nacionais para a internacionalização na Educação Básica no Brasil (2022), a internacionalização na Educação Básica é entendida como:

um processo que internaliza a perspectiva de abertura para o mundo para todas as crianças e adolescentes, jovens e adultos da Educação Básica, promovendo transformações nos ambientes educativos para uma educação de qualidade, e preparando os estudantes e demais atores para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho no cenário local, regional, nacional e internacional. (p. 10)

Com a publicação da legislação supracitada e os estudos e publicação dos Parâmetros para Internacionalização, entende-se que o governo tem lançado um olhar para a preparação do estudante, a fim de para inseri-lo no contexto das mudanças globais, prepará-lo para constituir-se em um cidadão do mundo e para o mundo do

trabalho, conforme as orientações da educação para a cidadania global, desde a Educação Básica.

Além dos Parâmetros, o Ministério da Educação (MEC) lançou o aplicativo Escolas pelo Mundo, disponibilizado para informar gestores, professores sobre as formas de internacionalização e, nesse espaço, apresenta como se delinea o processo de internacionalização a partir de quatro vertentes: em casa; do currículo; por mobilidade e por Aprendizagem Colaborativa Internacional – *Collaborative Online International Learning* (COIL). A seguir, apresentamos os aspectos abordados em cada um dos modos propostos, abordados no aplicativo.

A internacionalização em casa: abrange o espaço escolar. Como exemplo, o aplicativo apresenta as oficinas de comunicação intercultural (com histórias, *cases*, teatro e projetos). Ressalta a importância de se respeitar e valorizar a diversidade, ao mesmo tempo em que incentiva o desenvolvimento da internacionalização e da interculturalidade, que deve estar presente no currículo da escola, seja no Ensino Médio – fazendo parte dos itinerários formativos, em atividades extracurriculares; seja fazendo parte de componentes curriculares, além de se ter materiais de apoio e pessoas com experiências no exterior para incentivar e auxiliar na aprendizagem das práticas culturais locais e internacionais.

A *internacionalização por currículo* implica a inserção do componente curricular de língua estrangeira, que, no caso do Brasil é a Língua Inglesa, podendo ser realizada, também, por estudos de conteúdos e aspectos internacionais nos componentes curriculares. Ainda, nessa vertente, metodologias colaborativas são adotadas, com o incentivo ao respeito à diversidade linguística e saberes multiculturais para compreensão intercultural a partir do letramento digital.

Já *internacionalização por mobilidade* implica o deslocamento do país de origem para um outro no exterior, o que permite a vivência e interação com outra cultura. Essa modalidade pode ser incentivada por órgãos governamentais ou organismos internacionais, ou, ainda, por empresa privada. A mobilidade pode ocorrer também de

modo virtual e, dessa forma, os participantes não precisam sair do país. A mobilidade pode, ainda, ocorrer com o ensino de língua estrangeira, eventos, dupla diplomação, estágios etc.

A *internacionalização por aprendizagem colaborativa internacional* (*Collaborative Online International Learning* – COIL) envolve projetos de ensino-aprendizagem com parcerias internacionais, que se realizam por meio da modalidade a distância, em ambiente virtual de aprendizagem. Nesse tipo de internacionalização, podem ser realizados cursos pontuais de capacitação, eventos de extensão, disciplinas compartilhadas, sendo que, para sua realização, os docentes envolvidos devem trabalhar em parceria.

O uso desse aplicativo facilitará muito o acesso à informação para o planejamento do processo de internacionalização na escola e até na prática pedagógica do professor que, com informação à mão e de fácil compreensão, poderá lançar mão dela e planejar ações que atendam ao requerido para a preparação de seus alunos quanto à cidadania global, mesmo em escolas que pertençam à realidade em que seus atores não tenham tido vivência no exterior. É como apresenta Brito et al. (2020, p. 50): "pensar a internacionalização da educação como forma de olhar a vida ainda não vista e, assim, em um processo dialético e dialógico, ampliar o nosso mundo interno". Nessa perspectiva é que a internacionalização, com início na Educação Básica, tem o potencial de ampliar o alcance ao mundo externo de forma democrática.

Com base no Relatório de Delors et al. (1998), Siveres (2020, p. 87) aponta que fazemos parte de uma comunidade mundial e "que os processos educativos necessitam formar para uma realidade multicultural, bem como (...) ampliar suas fronteiras conceituais e atitudinais, por meio da internacionalização".

Pensar em internacionalização é pensar na inclusão, conforme aponta Siveres (2020). Nessa direção, o currículo pode ser um passo importante para a inclusão, uma vez que, na realidade brasileira, os contextos socioeconômicos são muito diferentes. Assim, há realidade em que os

processos de internacionalização ocorrem naturalmente, conforme as proposições expostas no aplicativo, sendo elas, por exemplo, bilingue, com dupla diplomação no Ensino Médio. Há outras em que há algumas iniciativas, de acordo com a tipologia "em casa", iniciativas planejadas pela escola. Há, ainda, aquelas em que as ações de internacionalização são mínimas, dependendo das iniciativas dos professores, em realização de feiras culturais, feira das nações, por exemplo e, é claro, da disciplina de Língua Inglesa ou outra estrangeira instituída no currículo.

É importante abordar, neste estudo, a existência das escolas internacionais, que, segundo Thiensen (2019), são consideradas referências na internacionalização do currículo, pois apontam em seus documentos a intenção de preparar os estudantes para uma cidadania global, focando nas competências e conhecimentos globais mais que os locais. O público-alvo dessas escolas são estudantes de famílias abastadas, com perspectivas de ascensão acadêmico-social. As escolas internacionais, segundo o mesmo autor, caracterizam-se em três formas: a primeira de origem tradicional, criada para atender a "filhos de pais migrantes com diversos ofícios e, portanto, para atender à formação escolar em diferentes experiências e perspectivas culturais"; a segunda forma refere-se àquela criada "posteriormente sob a ideologia do fortalecimento da paz e da mentalidade internacional" (Thiensen, 2018, p. 6) e a terceira forma refere-se à junção das duas formas anteriores e se estrutura com as seguintes peculiaridades:

são predominantemente privadas e com interesses lucrativos; atendem crianças de famílias locais com aspiração à ascensão de classe social (...) e, na sua maioria, foram absorvidas por grandes empresas ou fundações com ou sem fins lucrativos (Thiensen, 2018, p. 6).

Segundo Thiensen (2018, p. 7): "são fundamentalmente as escolas internacionais que materializam o conceito de internacionalização na formação de estudantes no nível da Educação Básica". Essas escolas são geralmente creditadas por órgãos internacionais oficiais que lhe atestam

o certificado de acreditação. Além disso, dentre as escolas internacionais, há aquelas que fazem o *International Baccalaureate*. Em adição, Thiensen (2018, p. 15) cita

as chamadas escolas bilíngues que oferecem currículos em dois ou mais idiomas e as escolas privadas que oferecem formação com currículos focados nas chamadas competências interculturais e globais com forte acento no idioma inglês.

Thiensen (2019, p. 15), ao estudar sobre as estratégias de internacionalização, aponta que as escolas internacionais declaram oferecer:

a exigência de professores com domínio de idiomas estrangeiros especialmente ao(s) que a instituição opcionalmente se vincula, a oferta de jornada ampliada, algumas delas alcançando turno integral, a ampliação da carga horária de línguas estrangeiras com imersão total em algumas atividades, desenvolvimento de atividades complementares nas áreas culturais, desportivas e artísticas, valorização das ciências em geral, realização de viagens como atividades curriculares, flexibilização curricular com certificação compartilhada internacionalmente etc.

A existência desse tipo de escolas beneficia uma parcela da sociedade que tem acesso a elas. Já grande maioria de escolas terá alcance apenas a ações que se referem à internacionalização em casa, tendo, portanto, uma pálida ideia da caracterização de um cidadão global sem de fato sê-lo. Nesse contexto, a fim de ampliar o acesso dos alunos da escola pública à internacionalização e ao intercâmbio, o governo brasileiro tem investido em programas de bolsas no exterior para aperfeiçoamento docente por meio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e do Programa Ciência sem Fronteira, que objetivam promover a ciência e a tecnologia, a inovação por meio do intercâmbio para a Educação Superior.

Na cooperação da internacionalização da Educação Superior, há a iniciativa privada voltada para as instituições de ensino, como é o caso do Programa de Bolsas de Intercâmbio ofertado pelo Banco Santander (Sumares, 2020). Os referidos programas podem alcançar os docentes e futuros docentes para o desenvolvimento da prática da

internacionalização, em um processo contínuo, no intuito de promover a transformação do ambiente escolar para vislumbrar um cenário para além do microuniverso da escola e seu entorno, oportunizando, assim, a ampliação do horizonte do conhecimento cultural e linguístico para o macrouniverso da sociedade brasileira, com suas idiossincrasias.

Nessa linha de fomento à internacionalização, segue como exemplo: a Secretaria do Estado de São Paulo, que lançou o Programa "Prontos para o Mundo" (São Paulo, 2024). Esse programa beneficiará 70 mil estudantes e 15 mil docentes com curso de inglês *online* e 1.000 alunos com bolsa completa para realizar intercâmbio. A fim de incluir os alunos sem condições de acesso à *internet*, os 70 mil receberão *chip* com *internet*. Outro estado a propor uma iniciativa com essa mesma natureza é o de Pernambuco, com o Projeto "Ganhe o Mundo", que realiza intercâmbio de um semestre com estudantes do Ensino Médio para algum país estrangeiro (Felicetti et al., 2023).

Essas iniciativas são importantes, mas ainda são tímidas, diante da extensão da população brasileira e sua realidade pautada pela desigualdade de contextos e oportunidades de acesso socioeconômico à mobilidade internacional.

O texto da introdução aos Parâmetros Nacionais para a internacionalização na Educação Básica (Brasil, 2022, p. 24) menciona algumas formas de internacionalização: "escolas de fronteira, escolas indígenas, escolas ribeirinhas, escolas rurais, escolas quilombolas, escolas militares, educação de jovens e adultos, escolas regulares, escolas internacionais, escolas bilíngues, entre outras", que fazem parte de ações governamentais, no intuito de apresentar uma internacionalização já em processo e que "não pode ser tomada como exigência ou imposição, mas sim como processo natural e inerente em uma dinâmica de interculturalidade que se faz presente no território educativo".

Considerando a proposição dos Parâmetros para a Internacionalização quanto à gestão da internacionalização, compreende-se a importância da interação das escolas e redes para o fortaleci-

mento das ações de parcerias e desenvolvimento de atividades interculturais e de intercâmbio, assim como a importância do planejamento das ações e estratégias em que a comunidade escolar esteja engajada e cooperem entre si. Além disso, o texto dos parâmetros apresenta a relevância da formação continuada para desenvolvimento e consolidação de competências interculturais e internacionais.

Quanto à internacionalização pelo currículo, o texto dos parâmetros expressa a importância "do estabelecimento de oportunidades de aproveitamento de atividades realizadas pelos estudantes em diferentes instituições educacionais nacionais e internacionais, no limite estabelecido pela legislação brasileira" (Brasil, 2022, p. 96).

Um outro aspecto muito relevante na Educação Básica é o material didático, considerando que os parâmetros apresentam um incentivo ao "conhecimento e o respeito às diversidades e às características ambientais e socioculturais da comunidade local, regional, nacional e internacional" (Brasil, 2022, p. 104). A utilização de material já existente e o desenvolvimento de material próprio pode proporcionar ao docente e ao gestor maior autonomia para adaptar a internacionalização ao contexto da escola e dos alunos.

O processo de internacionalização traz em seu bojo a necessidade da eficácia na comunicação, a consciência do multiculturalismo e plurilinguismo que implica na constituição do currículo, mas, principalmente, na atitude dos sujeitos diante dessa diversidade, considerando uma sociedade pluriétnica e socialmente desigual. Dentro dessa visão, a escola há que se preocupar, ainda, com a questão da identidade individual que se mistura com a identidade coletiva em um processo de construção da cidadania global, objetivo atual para a escola.

Thiensen (2017, p. 1.004) apresenta a internacionalização do currículo como:

processos que podem incluir desde a formulação de políticas curriculares mais amplas até reconfigurações, redesenhos, adaptações ou adequações curriculares, com foco nos conteúdos de conhecimento, nas aprendizagens dos estudantes, na avaliação e nas respectivas metodologias de ensino.

Nessa vertente do currículo, a BNCC (Brasil, 2018) se apresenta com uma visão flexível que permite à escola focar nas competências e nas habilidades de acordo com a realidade e contexto escolar, o que vem a ser reforçado no texto dos Parâmetros Nacionais para a Internacionalização da Educação Básica.

Thiensen (2019, p. 425) apresenta algumas ações que podem instituir a internacionalização de forma concreta, tais como:

reformulações nos textos das políticas curriculares, reconfigurações ou adequações dos currículos escolares, implantação de programas oficiais de incentivo a formação inicial e continuada em contextos de cooperação internacional, programas específicos de incentivo a mobilidade de professores e estudantes, criação de escolas internacionais, fortalecimento de intercâmbios do tipo *high school*, além de outras.

Essas ações, coligadas à perspectiva do Ensino Médio, em sua atual configuração, apontam maiores possibilidades de efetividade do processo de internacionalização na proposição dos itinerários formativos, podendo potencializar os estudos linguísticos, interculturais do local ao internacional.

Esse direcionamento na Educação Básica atende ao desenvolvimento das competências nas dimensões: cognitiva, socioemocional e comportamental, conforme orientado no macrouniverso pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) para a Educação da Cidadania Global (ECG) (Morosini et al., 2023), como pode ser observado na figura a seguir:

Figura 1 – Educação para a ECG, conforme UNESCO



Fonte: Morosini et al. (2023, p. 6).

Com base na Figura 1 acima, é possível compreender a importância da ECG, principalmente no tocante aos possíveis resultados de cada dimensão e aos atributos pretendidos. Para a *dimensão cognitiva*, a implantação da BNCC (Brasil, 2018) foi um grande avanço para a equidade no ensino, assim como o incentivo a uma prática pedagógica que vise ao desenvolvimento das habilidades de reflexão e análise crítica, diante de um contexto globalizado, que emerge com o uso da internet. Na *dimensão socioemocional*, a escola pode ser um *locus* de acolhimento, onde, por exemplo, crianças refugiadas que, ao chegarem em diferente país e cidades, poderão ser valorizadas no contexto escolar, que compreende as diferenças, a multi e a interculturalidade, podendo ser, portanto, tratadas dentro da dignidade humana. Por último, na *dimensão comportamental*, a escola que valoriza a ECG primará pelo cultivo de valores morais e éticos na construção de um cidadão eticamente responsável consigo, com o outro e com seu meio ambiente.

Seguindo a direção proposta pela BNCC (Brasil, 2018), as Instituições de Educação Superior, diante

professor capacitado para atuar na Educação Básica com esse modelo mental de cidadão para o mundo, incentivando a prática pedagógica voltada às fontes nacionais e internacionais, com ensino intercultural e bilíngue, possibilitando o intercâmbio, além da participação em atividades inter e multiculturais.

No Ensino Médio, há, para o estudante, a proposição de ele ficar mais tempo na escola, com a perspectiva de se ter um desenvolvimento integral, tendo, ainda, a oportunidade de escolher o itinerário formativo de sua preferência. Nessa direção, de maior foco no desenvolvimento de competências globais do aluno, o governo brasileiro tem realizado esforços para que o futuro professor tenha a oportunidade de dar continuidade aos estudos de pós-graduação, com possibilidades de intercâmbio e de vivenciar outras realidades internacionais, como se pode constatar em projetos da CAPES, como o Projeto Institucional de Internacionalização: CAPES-PrInt.

Nessa visão, é preciso considerar a questão do conhecimento da língua, para além da decodificação e compreensão contextual para uma dimensão semiótica que permite considerá-la como um "instrumento de ação e transformação e resistência" (Costa & Silva, 2022, p. 315), visto que o domínio da língua franca pode oportunizar melhoria de *status quo* no contexto mundial. O

a legislação atual, proposta para as Licenciaturas – Resolução CNE/CP nº 4, de 29 de maio de 2024 –, deverão focalizar na formação de um

contrário disso pode ocasionar a marginalização do cidadão, a reafirmação da língua inglesa como elemento cultural dominante ou apenas como uma língua que une os interlocutores das diversas localidades.

A Língua Inglesa, o ponto básico de conexão do sujeito a outras culturas, pode trazer uma identidade local acoplada à identidade linguística mundial pelo uso do inglês, que pode ser exemplificado com a pesquisa realizada por Costa e Silva (2022). Ao entrevistar dois docentes sobre o ensino de Língua Inglesa após a orientação da BNCC, um deles afirmou: "meu inglês é brasileiro" (p. 324). Assim, essa identidade brasileira no uso da Língua Inglesa, sem o estigma de língua dominante, mas da língua utilizada com as características do falante brasileiro e como instrumento de comunicação entre os demais falantes de outras línguas, pode ratificar a identidade brasileira e sua potencialidade de acesso e vivência de outras culturas.

Outro aspecto a se considerar no processo de internacionalização é a ascensão da tecnologia, que, além de tornar o mundo mais globalizado, proporciona aos estudantes e docentes a oportunidade de abertura das "janelas do mundo", das oportunidades de ampliação do conhecimento e da participação e mergulho nas diversas culturas por meio do mundo virtual. Isso pode ser um grande ganho se o meio midiático for utilizado de forma consciente. Considerando os recursos midiáticos aliado à metodologia ativa, o docente tem a possibilidade de maior alcance do uso da língua inglesa e a consciência crítica desse uso.

Essas reflexões nos levam a considerar que a internacionalização, na Educação Básica, tem caminhado tanto na estruturação da legislação e seus desdobramentos, quanto na implementação para se efetivar na escola como um meio de desenvolvimento da cidadania global.

Metodologia

Neste tópico, abordamos o percurso escolhido para realizar o presente estudo, tendo, então, como premissa o Estado de Conhecimento apresentado por Morosini e Fernandes (2014) ou

também chamado de o Estado da Arte (Ferreira 2002, p. 155), em que o conhecimento advém de "identificação, registro, categorização que levem à reflexão e síntese sobre a produção científica de uma determinada área, em um determinado espaço de tempo, congregando periódicos, teses, dissertações e livros sobre uma temática específica". Assim, a pesquisa está pautada nessa vertente. Morosini e Fernandes (2014, p. 158) afirmam que: "a construção do estado de conhecimento" possibilita uma visão ampliada e atual do movimento da pesquisa.

Para a pesquisa na literatura, escolhemos o descritor "internacionalização e Educação Básica" para se pesquisar nas bases de dados: o Portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e o *Scientific Electronic Library Online* (SciELO). Tomamos como caminho a eliminação dos artigos pela leitura dos títulos, dos resumos, pesquisados entre 2015 e 2024. Dentre artigos revisados por pares e a leitura completa dos artigos incluídos, foram eliminados os que abrangiam Educação Básica, mas não a internacionalização e vice-versa. Excluímos, também, aqueles que tratavam da Educação Superior.

Na base da CAPES, encontramos 147 artigos, dos quais incluímos 4, a maioria dos artigos encontrados apresentava estudos voltados para a Educação Superior. Na SciELO, encontramos 5 artigos e desses incluímos 2. Na continuidade da busca em outras bases, como a Redalyc, mesmo restringindo ao descritor "internacionalização e Educação Básica", os resultados foram extensos: 4.001 artigos, mas ao serem triados pelos critérios escolhidos, apenas 3 artigos foram incluídos e os demais descartados. Pesquisamos no *site* oficial do MEC e da UNESCO, onde encontramos materiais atuais sobre a internacionalização na Educação Básica, como a recente publicação organizada por Brito et al. (2020), assim como os Parâmetros Nacionais para a Internacionalização na Educação Básica no Brasil (Brasil, 2022), publicações que têm norteadas as recentes reflexões sobre o tema.

Foram pesquisadas fontes documentais dis-

poníveis em *sites* governamentais, tais como legislação e publicações oficiais de documentos delineadores do tema; informações sobre o Estado da Arte da internacionalização na Educação Básica em oferta de programas e ações; informações sobre as estratégias de internacionalização da Rede de Educação Adventista explicitados na *internet*.

Escolhemos explorar as ações realizadas pela Rede Adventista de Educação, por ser uma rede confessional, consolidada e que está presente em vários países, o que a torna internacional, mesmo que as escolas que as compõem não sejam denominadas de internacionais ou bilíngues, apesar de terem atividades de intercâmbio e ensino de uma segunda língua acopladas ao seu fazer pedagógico.

Consultamos *sites* da Rede Adventista de Educação a fim de obter conhecimento sobre o processo de internacionalização da Educação Básica na Rede de Educação Adventista, no intuito de, ao captar e apresentar as ações realizadas por elas, poder, conforme já proposto na introdução deste estudo, delinear as possibilidades de sistematização e de ações de modo a poder contribuir com as demais escolas de Educação Básica, no cumprimento ao proposto pela BNCC.

Resultados

A busca realizada em *sites* oficiais da Educação Adventista permitiu a visualização das ações dessa rede educação em relação ao processo de internacionalização, que apresentaremos como resultados deste estudo.

Rede Adventista de Educação

A Educação Adventista de Ensino tem o seu início nos Estados Unidos da América, com a primeira escola implantada em Battle Creek, no estado de Michigan, em 1872 (Ferreira & Souza, 2018). No Brasil, em Curitiba, estado do Paraná, uma primeira escola, denominada de Colégio Internacional foi fundada em 1896. Sua expansão, no Brasil, ao longo do séc. XIX, XX e XXI, deu-se

de forma sólida, formando a Rede de Educação Adventista, contando, atualmente, com 470 escolas, com a missão de: "Promover, através da educação cristã, o desenvolvimento integral do educando, formando cidadãos autônomos, comprometidos com o bem-estar da comunidade, da pátria e com Deus" (Educação Adventista, 2024a).

Segundo Ferreira e Souza (2018), a expansão internacional e histórica das instituições deu-se na década de 1890, sendo, em dez anos, instituídas 220 escolas de Educação Básica Anos Iniciais e Finais, e 25 de Ensino Médio. Em 1970, a rede de escolas já contava com 4.300 escolas no mundo.

De acordo com *site* da Rede (Educação Adventista, 2024a), há 9.600 unidades escolares ao redor do mundo: na América do Sul, são 939 instituições educacionais, sendo 525 no Brasil e 15 *campi* universitários.

Essa expressividade e presença nos diversos países tornam essa rede de educação significativa, não apenas para aqueles que professam o adventismo, mas também para aqueles que se identificam com valores bíblico-cristãos, primando por uma educação integral com oportunidades de internacionalização.

A Rede de Escolas Adventistas no Brasil existe há mais de 120 anos e mantém, em todas as escolas, o mesmo sistema de educação integrada por valores bíblico-cristãos. Além disso, possui regime de internato em algumas instituições; no Brasil, há 5 com regime de internato, o que proporciona ações de recebimento e envio de alunos pelo mundo, na modalidade de intercâmbio. No Brasil, a Rede Adventista tem promovido intercâmbio acadêmico de forma sistematizada, realizada por programas de interesse do aluno, extensivo aos seus familiares. O Intercâmbio da Rede Adventista, denominado de IA, oferta os seguintes programas: IA *Experience*, IA *Immersion*, *Eurotour*, "Sua casa no IA"².

O IA *Experience* abrange uma permanência de 15 dias para Europa ou Estados Unidos. O IA *Immersion* proporciona o intercâmbio no período de um semestre letivo em alguma instituição

² Conforme pode-se constatar no *site*: <https://basie.school/intercambio-adventista>.

adventista fora do Brasil. O *Eurotour* proporciona a oportunidade de visitar quatro países em duas semanas. O “Sua casa no IA” oportuniza o estudo em alguma escola adventista (modelo internato) na América do Sul, Europa ou Estados Unidos.

Além desses programas, há o *High School Adventista*, em parceria com a *Griggs International Academy*. Nesse programa, o aluno tem a oportunidade de complementar seus estudos do Ensino Médio com componentes curriculares norte-americanos e conhecimento da Língua Inglesa, podendo obter duplo diploma. A dupla diplomação no Ensino Médio oportuniza ao aluno participar de atividades no seu país de modo *online* e fora dele, em período letivo ou em férias, de forma que o acesso ao programa seja democrático.

Um outro programa apresentado para o aluno do Ensino Médio da Rede de Escola Adventista é o *Application Club*, que proporciona o conhecimento do aluno sobre outras faculdades internacionais e o prepara para desenvolver suas habilidades.

A Rede de Educação Adventista, por meio de sua editora, denominada Casa Publicadora Brasileira (2023), lançou o Programa *Sky English*,

que tem ofertado aos alunos um programa baseado no livro didático e paradidático para o ensino bilíngue, com a certificação internacional de Cambridge.

O ensino bilíngue nessa rede de ensino propõe a aprendizagem colaborativa e lúdica, utilizando a metodologia de projetos e por imersão no contexto linguístico-cultural, com a metodologia *Content and Language Integrated Learning* (CLIL), que proporciona o estudo dos conteúdos das disciplinas do currículo em Língua Inglesa.

Há, também, a proposição de ensino comunitário, que objetiva promover a imersão do estudante no contexto em que se encontra, além da abordagem comunicativa que estimula o aluno a utilizar o inglês em sua vida diária, conforme sua experiência com a língua. Dessa forma, o aluno vai se familiarizando com o uso da língua estrangeira e com o auxílio do docente, passando a compreender a correlação entre língua e cultura (Educação Adventista, 2024b).

A Instituição Adventista, em *campus* que possui internato, mantém um Centro de Língua a fim de motivar o estudante a aprimorar-se em algum idioma de sua preferência.

Figura 2 – Mapa de localização das instituições adventistas no mundo



Fonte: Rede Adventista de Educação (2024).

A Figura 2 demonstra a expressividade da educação adventista, o que atesta uma internacionalização da rede, que apresenta características

identitárias uníssonas, interligadas por valores bíblico-cristãos. Esses valores são eleitos pela comunidade acadêmica, com base em princípios

bíblicos, como exemplo, aceitação, altruísmo, diligência, cooperação, cortesia, empatia, entusiasmo, gratidão, honestidade, humanitarismo, humildade, igualdade, interdependência, lealdade, patriotismo, participação, respeito, sinceridade, amor, alegria, confiança em Deus, consciência de moralidade, compaixão, esperança, fé em Deus, generosidade, graça, integridade, justiça, paz, perfeição, pureza, dentre outros, que são trabalhados bimestralmente nas escolas, materializando-se por meio de atividades, projetos e incentivo de atitudes da comunidade escolar, com *banners* pela escola, palestras sobre o tema etc.

Considerando as três formas de escolas internacionais consideradas por Thiensen (2018), a Rede de Educação Adventista, sendo sem fins lucrativos, instituída para atender aos filhos das famílias adventistas, assim como àqueles que tenham interesse em um ensino com base em valores cristãos, além de constituir-se em uma rede internacional, pode ser identificada com as duas primeiras premissas de escolas mencionadas pelo autor.

As escolas da Rede de Educação Adventista são acreditadas internacionalmente pelo órgão regulatório maior de sua própria rede, localizado em Washington e denominado de *General Conference of Seventh-day Adventist*, que estabelece formulários e comissão de especialistas que viajam ao longo dos países para atestar a qualidade da educação ofertada e a manutenção de seus princípios e valores.

Ao pesquisar e analisar as ações de internacionalização do sistema dessa rede de educação, verifica-se que a sistematização e a união entre as escolas tornam o processo de concretização da internacionalização com maior possibilidade de realização, uma vez que a oferta de intercâmbio em programas e a aplicação do estudo da segunda língua, por projetos, pode ser um maior atrativo para que se extrapole a abordagem linguística apenas baseada na gramática da língua. Dessa forma, a proposição das competências e habilidades orientadas pela BNCC (Brasil, 2018) passa a se desenvolver de maneira mais fluida.

Considerando que a Rede Adventista, foco

deste estudo, é de natureza privada, mas sem fins lucrativos e adepta à filantropia, as oportunidades também se estendem a bolsistas que compõem o quadro de alunos: mesmo que eles não tenham condições financeiras de realizar o intercâmbio, têm a oportunidade de fazer parte das várias ações e programas de internacionalização ofertados *online* nas escolas.

A internacionalização na Rede de Educação Adventista extrapola a sala de aula para integrar projetos e eventos que utilizem a segunda língua enquanto objeto da aprendizagem. A internacionalização que se denomina de "em casa" e a Aprendizagem Colaborativa Internacional *Online* (COIL) são importantes mecanismos utilizados pela rede. Ademais, a aplicação dessas duas abordagens depende do envolvimento da gestão escolar e dos docentes nesse processo de internacionalização.

Os rumos da educação para a cidadania global, na implantação de um processo de internacionalização, apontam para práticas pedagógicas colaborativas, interdisciplinares, que considerem o estudante como protagonista de sua aprendizagem. Nessa direção, é imprescindível que, a partir dessa visão de educação, conforme já preconizado no BNCC (Brasil, 2018), o aluno seja preparado a desenvolver valores éticos, responsabilidade social, respeito aos direitos humanos e a compreender seu papel como cidadão do mundo.

Assim, a internacionalização, desde a Educação Básica, tem sido o foco atual de pesquisadores e de orientações governamentais para integrar práticas capazes de oportunizar o acesso a todas as crianças, adolescentes e jovens ao mundo globalizado.

Nesta pesquisa, identificamos que a Rede de Educação Adventista tem atendido ao proposto pela BNCC (Brasil, 2018, p. 262): "Construção de identidades no mundo globalizado", o que verificamos nas proposições dos programas ofertados e sistematizados pelo Intercâmbio Adventista (IA), além dos programas desenvolvidos nas escolas, como o *Sky English*, com materiais didáticos e paradidáticos que apoiam o trabalho docente e

solidificam uma prática pedagógica fundamentada numa visão de cidadania global.

Pensando no contexto brasileiro, nas desigualdades educacionais, há desafios a serem enfrentados para além das pesquisas e políticas públicas: possibilidades de acesso, investimentos para implementação de programas e tecnologias para internacionalização, familiaridade com a Língua Inglesa por docentes e discentes, formação de professores e de gestores para lidar com a realidade globalizada. Esses são apenas alguns desafios para a garantia de desenvolvimento da cidadania e da inclusão do todo nesse processo.

Considerações finais

Pesquisar sobre as ações de internacionalização na Rede de Educação Adventista trouxe-nos a ideia de que a sistematização, a organização e a união das escolas em programas e projetos dão mais significado ao processo de internacionalização, pois as ações isoladas podem se perder e não ter continuidade; portanto, não caracterizam um percurso que leve à construção da cidadania global.

As iniciativas governamentais têm sido de grande valia para a popularização do processo de internacionalização para que a ideia da cidadania global se instale nas escolas e seja acolhida pela comunidade escolar e social do entorno das escolas, proporcionando oportunidades de acesso.

O explicitado no documento da BNCC (Brasil, 2018) é o início para um caminho sem retorno de ampliação do conhecimento do estudante, de acesso a bens e a espaços no seu meio e de qualquer lugar do mundo, através de um currículo nacional comum e de valorização do estudo da Língua Inglesa como segunda língua, de forma mais concreta e para além da repetição gramatical, potencializando a comunicação de forma oral, escrita, participação nos processos culturais, de estudos e trabalho com segurança e êxito.

Considerando que a mobilidade pode ser também *online*, a internacionalização pode ocorrer de forma mais efetiva e colaborativa no estabelecimento de parcerias entre as instituições, sendo essa uma das metodologias utilizadas na rede

que apresentamos neste estudo.

Para a Educação Básica, a internacionalização, em suas formas de efetivação, pode ser potencializada com o envolvimento de todos os atores que compõem a comunidade escolar, de gestores a professores e alunos, com o apoio das diversas metodologias de ensino e dos recursos tecnológicos que podem ser uma das garantias de acesso à cidadania global e ao uso da metodologia de projetos, como a COIL. Conforme mencionado neste estudo, ela pode ser uma importante ferramenta para o envolvimento de toda a comunidade escolar no processo de internacionalização, de acordo com o que já foi proposto nos documentos governamentais e no aplicativo "Escolas pelo Mundo".

Referências

- Brasil. (2018). *Base Nacional Comum Curricular*. MEC. http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf
- Brasil. (2022). *Parâmetros Nacionais para a Internacionalização na Educação Básica no Brasil*. MEC. https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7712664/mod_resource/content/0/Parametros_Internacionaliza_Educacao_Basica.pdf
- Brito, R. O., Campos, A. F. M., & Mercado, L. P. L. (2020). A internacionalização da educação como meio para a formação da consciência planetária. In R. O. Brito (Org.), *Internacionalização da educação básica e superior: Desafios, perspectivas e experiências* (pp. 33-54). Cátedra UNESCO de Juventude, Educação e Sociedade. https://socialeducation.files.wordpress.com/2020/11/internacionalizacao-da-educacao-basica-e-superior_web.pdf
- Casa Publicadora Brasileira. (2023). *Programa bilingue: Sky English: Guia de implantação e serviços*. https://s3.sa-east-1.amazonaws.com/s.cpb.edu.me/sala-de-professores/ebooks/Guia_implement2/guia_implement2.html
- Costa, S. M., & Silva K. A. (2022). Entrelaces da internacionalização da educação básica, BNCC e a língua inglesa. *Revista da ABRALIN*, 21(2), 1-21. <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/2098>
- Educação Adventista. (2024a). Início. EA. <https://ea.org.br>
- Educação Adventista. (2024b). Programa Bilingue. EA. <https://www.educacaoadventista.org.br/bilingue/>

Felicetti, V. L., Spicer-Escalante, M. L., Brito, R. O., & Guilherme, A. A. (2023). Internacionalización en la educación básica brasileña: Desafíos en la formación docente. *Revista Iberoamericana de Educación*, 93(1), 33–44. <https://doi.org/10.35362/rie9315870>

Ferreira, N. S. A (2002). As pesquisas denominadas "estado da arte". *Educação & Sociedade*, 23(79), 257–272. <https://www.scielo.br/j/es/a/vPsyhSBW4xJT48FfrdCtqfp/?format=pdf&lang=pt>

Ferreira, P. V., & Souza, R. M. Q. (2018). Educação adventista: Origem, desenvolvimento e expansão. *Revista Brasileira de História da Educação*, 18(48), 1–17. https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/42085/pdf_234

Morosini, M. C., & Fernandes, C. M. B. (2014). Estado do conhecimento: Conceitos, finalidades e interlocuções. *Educação Por Escrito*, 5(2), 154–164. <https://doi.org/10.15448/2179-8435.2014.2.18875>

Morosini, M. C., Woicolesco, V. G., Marcelino, J. M., & Mentges, M. J. (2023). Internacionalização na educação básica: Uma análise a partir da UNESCO. *Revista Iberoamericana de Educación*, 93(1), 17–31. <https://rieoei.org/RIE/article/view/5997/4758>

Rede Adventista de Educação. (2024). *Conheça a Rede Internacional de Educação Adventista*. Adventista EDU. <https://www.adventista.edu.br/pt/conheca-a-rede-internacional-de-educacao-adventista>

Resolução CNE/CP nº 1, de 27 de outubro de 2020. (2020). Dispõe sobre as diretrizes curriculares nacionais para a formação continuada de professores da educação básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Continuada de Professores da Educação Básica (BNC-Formação Continuada). MEC/CNE. http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=164841-rcp001-20&category_slug=outubro-2020-pdf&Itemid=30192

Resolução CNE/CP nº 4, de 29 de maio de 2024. (2024). Dispõe sobre as diretrizes curriculares nacionais para a formação inicial em nível superior de profissionais do magistério da educação escolar básica (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados não licenciados e cursos de segunda licenciatura). CNE. http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=258171-rcp004-24&category_slug=junho-2024&Itemid=30192

São Paulo. (2024). *Prontos para o mundo*. Governo do Estado. <https://www.prontospromundo.educacao.sp.gov.br>

Siveres, L. (2020). Internacionalização na educação básica: Tendências e desafios. In R. O. Brito (Org.), *Internacionalização da educação básica e superior: Desafios, perspectivas e experiências* (pp. 81–92). Cátedra UNESCO de Juventude, Educação e Sociedade. https://socialeducation.files.wordpress.com/2020/11/internacionalizacao-da-educacao-basica-e-superior_web.pdf

Sumares, G. (2020). *Santander oferece mais de 600 bolsas de estudo para intercâmbio em 9 países*. Estudiar Fora. <https://www.estudiarfora.org.br/santander-750-bolsas-de-estudo-para-intercambio/>

Thiesen, J. S. (2017). Internacionalização dos currículos na educação básica: Concepções e contextos. *Revista e-Curriculum*, 15(4), 991–1017. <https://doi.org/10.23925/1809-3876.2017v15i4p991-1017>

Thiesen, J. S. (2018). Quem girou as chaves da internacionalização dos currículos na educação básica? *Educação em Revista*, 34, 1–20. <https://doi.org/10.1590/0102-4698194166>

Thiesen, J. S. (2019). Estratégias de internacionalização da educação e do currículo: Das universidades aos territórios da educação básica. *Arquivos Analíticos de Políticas Educativas*, 27(58), 1–23. <https://epaa.asu.edu/index.php/epaa/article/view/3622/2251>

Silvia Cristina de Oliveira Quadros

Pós-doutorado em Educação na FE/USP. Doutorado em Letras: Semiótica e Linguística Geral pela FFLCH/USP. MBA em Gestão Estratégica na FEARP USP – Ribeirão Preto. Especialização na UNESCO – Liderança, Gestão, Resultados e Engajamento. Atuação na área administrativa como coordenadora do curso de Letras e diretora acadêmica nas Faculdades Integradas Módulo – atual UNIMODULO. Participação em congressos nacionais e internacionais com apresentação de trabalho. Participação em grupos de pesquisa: Grupo de Estudos em Direito e Diversidade Étnico-Cultural (CEDEC). Coordenação do grupo de pesquisa Gestão, Liderança e Inovação (GELI). Coordenação dos projetos de pesquisa: 1. Prática pedagógica: aspectos metodológicos e ideológicos e 2. Gestão, liderança e resultados na educação. Atuação como Assessora Pedagógica, Diretora Acadêmica; Pró-Reitora de Graduação; Pró-Reitora Associada e Diretora de Graduação no Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). Experiência em avaliação de cursos na Educação Superior. Docente do curso de Pedagogia, professora permanente e coordenadora do Mestrado Profissional em Educação do UNASP.

Endereço para correspondência

Estrada Municipal Pr. Walter Boger, s/n
Rua Francisco Regiani, n. 962
Condomínio Jacarandá, 13.448-59
Engenho Coelho, SP, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Texto Certo Assessoria Linguística e submetidos para validação dos autores antes da publicação.